

GDF não aceita a cultura desatrelada do Estado e mata Conselho

GERALDINHO VIEIRA

Editor do Caderno 2

O plano de dinamização cultural de Márcio Cotrim tem a audácia de prometer à cidade tudo aquilo que ele próprio sempre desenhou em documentos, seminários e em práticas esporádicas desde que Brasília foi fundada e alguns aventureiros resolveram fazer arte e cultura por aqui. Novidade? Apenas o empenho do secretário em colocar adiante um projeto e sonho pessoal, o de fixar nos espaços culturais quiosques para a venda de produtos locais: livros, discos, fotos e coisa e

tal. Parece boa a idéia, mas vai se deparar com uma produção pobre em quantidade e qualidade. Vai acabar tendo mais cafezinho e sorveteria que produção artística. O que não deixa de ser interessante também. Mas a divulgação do plano de dinamização não esconde a primeira derrota política de Márcio Cotrim à frente da Secretaria de Cultura e Esportes.

Quando Cotrim foi empossado a bola já estava cantada: o Palácio do Buriti foi, ao longo dos últimos dois anos, dinamitado por um eficiente lobby contrário à composição de um Conselho de Cultura for-

mado por maioria de membros eleitos pela comunidade e outros nomes indicados pelo GDF. A assessoria de Roriz sempre temeu a ação cultural autônoma, alimentada por preconceitos e uma visão provinciana do "fazer cultural". Mais que isso, entretanto, a Procuradoria Geral do GDF bloqueou também a aprovação de uma reivindicação máxima da comunidade: a presidência do Conselho não deveria ser ocupada pelo secretário de Cultura, mas sim por nome eleito pela comunidade. Seria independência demais, liberdade demais para um Conselho cheio de poderes. O GDF temeu e

Márcio Cotrim (que assinou documento reivindicatório) quer minimizar o bloqueio. É, entretanto, uma proibição séria, marcada pela argumentação jurídica que poderia ter quantas interpretações fossem necessárias, uma vez que não há na estrutura administrativa do GDF qualquer instrumento legal que impeça haver num Conselho a presidência ocupada por qualquer pessoa que não seja o secretário da pasta. Exemplo: Carlos Mathias é o atual presidente do Conselho de Educação do DF.

A comunidade foi mais uma vez traída. Foi convocada por Roriz pa-

ra documentar seu projeto e suas reivindicações. Teve promessas públicas de cumprimento dessas reivindicações, mas o GDF continua sendo, para a área cultural, uma pedra provinciana na vontade de modernidade artística e histórica.

Duas lembranças: Márcio Cotrim participou da comissão que pedia o Conselho independente, agora vetado. Na mesma comissão, a procuradora Dra. Maria Esther, dos quadros do GDF, nunca apresentou qualquer impossibilidade jurídica à questão da presidência do Conselho.